



Sixty-nine, de Maillol.

# ADEQUAÇÃO E INADEQUAÇÃO

## EM PSICANÁLISE

Euclimar Menezes\*

*Eia eletricidade, nervos doentes da matéria!  
Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!  
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!  
Eia Todo o passado dentro do presente!  
Eia o futuro já dentro de nós! Eia!*

Fernando Pessoa, Ode Triunfal

É de Peter Gay a indicação de que a amizade entre Freud e Fliess

*...viria a ser uma experiência única para ele<sup>1</sup>.*

1 . GAY, P. Freud, Uma vida para o nosso tempo p. 15

2 . MASSON, J.M. A correspondência completa de Freud à Fliess pp. 208/16

Trata-se, na opinião do biógrafo, do relevo que esta amizade adquire no momento em que Freud está construindo os fundamentos da psicanálise. Com MASSON<sup>2</sup> verificamos o caráter estratégico que possui essa amizade para algumas formulações epistêmicas da metapsicologia. Decididamente, ela foi um suporte necessário para que Freud formulasse suas concepções. Fliess, embora concebesse algumas idéias bizarras, foi um interlocutor importante na organização que Freud deu ao seu próprio pensamento nascente.

Sem dúvida, alinhar os textos da chamada Pré História da Psicanálise com as cartas de Freud à Fliess cria a possibilidade para o leitor acompanhar, *pari passo*, a construção da teoria freudiana com um índice de humanização que fascina qualquer observador: ao tempo em que

especifica as psiconeuroses, Freud está também ocupado com a trivialidade da vida, com as exigências práticas da subexistência, com a família. Enfim, Freud não se mostra um teórico asséptico aos problemas corriqueiros da vida, mas mostra-se sensível a eles, buscando lançar luzes para uma melhor compreensão da dinâmica psicológica, condição de todo empreendimento humano, do mais simples ao mais complexo, do mais nefando ao mais sublime. Em síntese: vida e obra se mesclam na pessoa de Freud.

As cartas nos permitem, por exemplo, acompanhar inúmeras aporias teóricas, como o boicote histérico em relação ao prazer (a histérica não se reconhece como sujeito desejante, nem tampouco como sujeito que obtém prazer), permeadas pela aflição de um jovem cientista (Freud na época tinha 30 e poucos anos) frente ao malogro provisório de suas hipóteses, tudo ocorrendo quando da precariedade das condições econômicas para o sustento de sua família. Não é raro vê-lo desabafar com Fliess dizendo algo como: "... minha neurótica parece um conto de fadas natalino..."; "...meus casos clínicos parecem romances familiares..."; "...toda essa teoria lembra a história da carochinha", etc.

O que pretendemos acompanhar, neste artigo, é o esforço de Freud para superar a descrição médica dos fenômenos psicológicos e, portanto, a construção de um campo legitimamente psicológico. Essa empresa se destaca no conjunto dos textos remetidos a Fliess, bem como nas próprias cartas que os amigos trocam. Desde *On Aphasien*<sup>3</sup>, Freud sabe que o sujeito humano produz fenômenos injustificáveis do ponto de vista das teorias médicas, teorias que explicam fenômenos exclusivamente organo-fisio-localizacionais. Por exemplo: como justificar certos esquecimentos que ocorrem sem que haja havido uma lesão cerebral? Em outras palavras, a questão que Freud tem em mente é a seguinte: qual será a *epistémé* adequada para dar conta da realidade psíquica? O que se encaminha, sobretudo em redor da rubrica Teoria da Sedução, é a construção dessa *epistémé*. Embora seja uma posição polêmica, assumimos, de ante-mão, que é no seio da pré-história da psicanálise que assistiremos serem delineadas algumas categorias teóricas significativas para a explicação dos fenômenos psicológicos. E tais categorias se manterão valiosas no interior da obra freudiana.

À guisa do movimento freudiano para delimitar seu campo de pesquisa, acompanharemos a montagem da idéia de adequação em dois textos:

1. Projeto de uma Psicologia<sup>4</sup> na sua parte II, da qual tentaremos extrair a descrição do fenômeno histérico como um curto circuito que ocorre na relação do aparelho psíquico com o mundo exterior. Esse curto circuito ocorre por duas "deficiências": A. As fases de desenvolvimento psíquico, pelas quais passam todos os seres humanos, os expõe a uma debilidade frente às demandas do mundo externo. Resultado: o processamento psicológico das vivências ocorre sempre tardiamente; B. A causa da histeria é interna. Em outros termos, não é a vivência a responsável pela histeria, mas a ordem psicológica que o sujeito oferece à esta vivência;
2. A carta de 6 de dezembro de 1896, na qual Freud reorganiza a sua concepção do aparelho psíquico, reforçando, sobretudo, o item B.

O Projeto de uma Psicologia pretende estar concebendo as estrutura e funcionamento psíquico numa perspectiva científica. O que isto significa para Freud? Que toda a abordagem sobre as estrutura e processo terão, como perspectiva ordenadora, a concepção quantitativa. Quer dizer, as leis psíquicas deverão ser correlatas das leis físicas.

Assim, Freud imagina um aparelho psíquico que funciona recebendo e descarregando excitações. Tal aparelho vai comandar o processo econômico exigido na interação entre mundo e ele próprio (vide parte I do Projeto...). Basicamente, o funcionamento normal do psiquismo é pensado como o investimento da energia psíquica nas representações que constituem o próprio aparelho.

O que ocorre com tal aparelho no caso da histeria?

Freud toma como ponto de partida o caráter estranho dos fenômenos que ocorrem nas psicopatologias. Neles,

*...aparece algo como uma representação especialmente freqüente e injustificada na consciência, sem que o curso possa justificá-lo<sup>5</sup>.*

Trata-se de uma compulsão, constituída por representações superintensas ou superinvestidas, e não justificadas no curso da energia psíquica. Qual poderá ser a justificativa desta compulsão? Para Freud, as liberações de afeto decorrentes do fluxo da energia psíquica, as inervações motoras que lhes são conseqüentes, o desvio da energia psíquica do seu curso normal configurariam esse investimento inadequado em algumas representações, que surgem qual corpos estranhos para a consciência.

Freud caracteriza a compulsão histérica de: incompreensível, insolúvel ao trabalho de pensar e incongruente em sua estrutura. Em outros termos, a histeria subverte o funcionamento normal do psiquismo que tende a justificar todos os elementos ativados no circuito.

Contudo, Freud tentará demonstrar que essa caracterização, na verdade, esconde o exato oposto: iluminando o fenômeno histérico, poderemos encontrar a compreensibilidade que ele exige, a lógica implicada na montagem do seu circuito, a congruência necessária às produções humanas. Ou seja, olhando mais atentamente para o fenômeno histérico, poderemos verificar que a caracterização estranha oferecida à ele é somente aparente. Realizando uma análise da histeria, verificaremos que algumas conexões importantes do circuito psíquico foram abandonadas no investimento da energia que ali circula. Desse modo,

*Antes da análise, A aparece como uma representação superintensa que irrompe muitas vezes na consciência e todas as vezes leva ao choro. O indivíduo não sabe porque A lhe leva a chorar, acha isso absurdo mas não pode impedi-lo<sup>6</sup>.*

Freud havia observado esse fenômeno em sua clínica. Seus pacientes, como Elizabeth Von R., por exemplo, sabiam do caráter extravagante do seu estado psíquico. A despeito dessa consciência, os processos primários se impunham e o trabalho de pensar, a inibição, ou ainda o controle da energia fluente no aparelho, malograva.

*Após a análise se descobriu que há uma representação B que com direito*

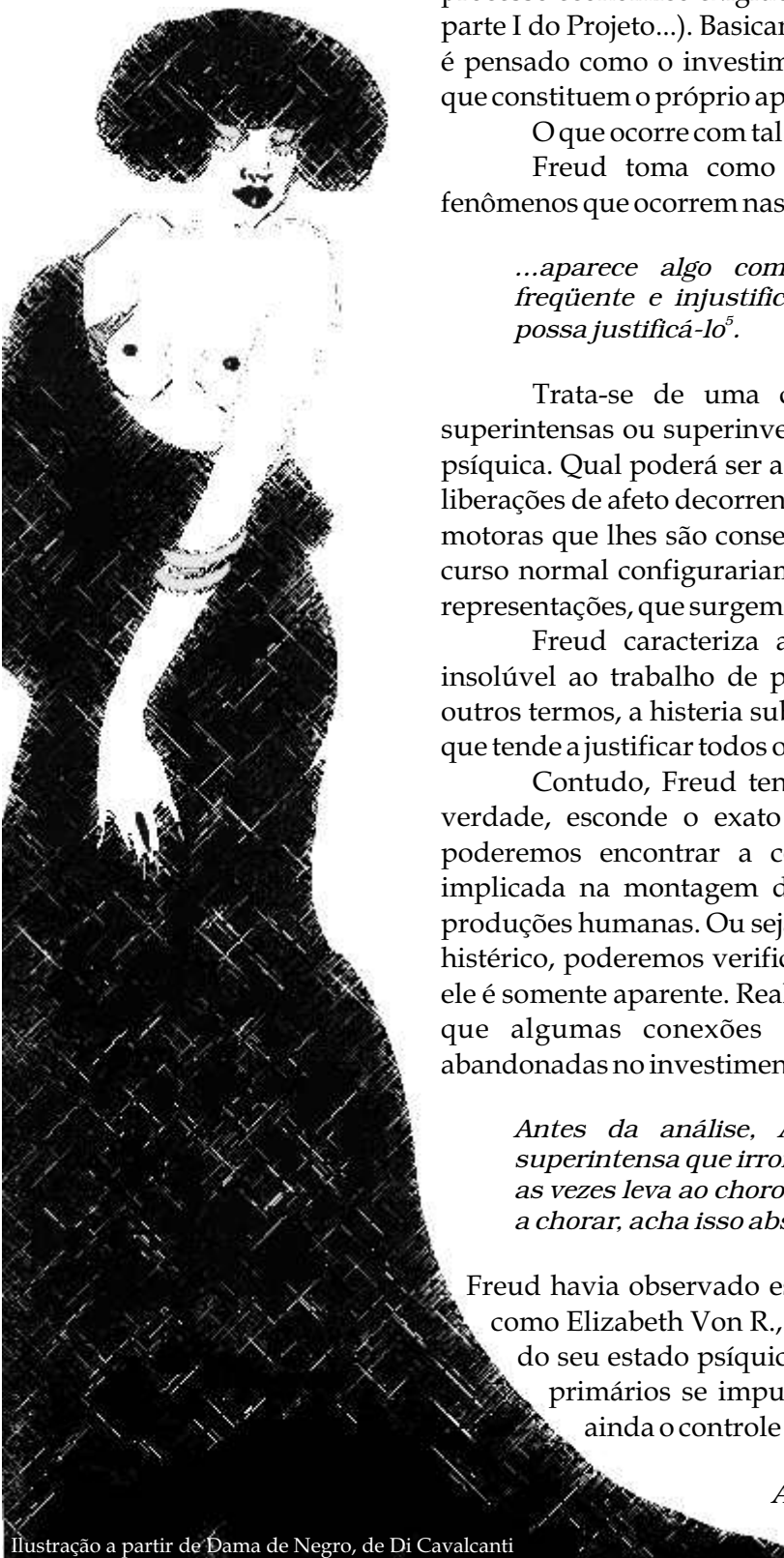


Ilustração a partir de Dama de Negro, de Di Cavalcanti

7 . Ibid

8 . Ibid

9 . Ibid p. 397

10 . Ibid p. 397

*leva ao choro, que com direito se repete muitas vezes enquanto um certo e complicado desempenho psíquico contra ela não for realizado pelo indivíduo. O efeito de B não é absurdo, quando apresentado para o indivíduo, e pode ser combatido por ele mesmo*<sup>7</sup>.

A análise vai permitir encontrar a relação entre B e A. Vai permitir constatar, por exemplo, que A era um elemento desimportante de uma determinada vivência e não tinha força alguma para se impor nos registros psíquicos. Ao contrário, a representação B tinha o poder de

*...exercer um efeito duradouro*<sup>8</sup>.

Todo o problema reside na recordação dessa vivência. Nela há uma inversão de papéis das representações, isto é, A ocupa o lugar de B e desse modo se faz símbolo de B. Portanto, tudo aquilo que resulta de A no comportamento do indivíduo, jamais poderá ser justificado por A, ele mesmo. Freud nomeia esse processo de simbolização. Por meio dele, se formou um símbolo histérico, que diversamente da formação do símbolo na normalidade, tem a absoluta desconexão entre a coisa que exerce uma ação, digamos, coerente em Psi, e o seu símbolo. Em outras palavras, podemos dizer que na recordação B está fora da consciência, esquecido, reprimido, e todo o investimento que a ele era destinado é agora aplicado em A.

Nesse caso, o objeto é substituído por seu símbolo. Não como na normalidade, onde a distribuição da energia guarda uma certa proporcionalidade entre os investimentos no símbolo e no objeto. Por exemplo, a bandeira e a pátria para o soldado. O que ocorre na histeria é um desequilíbrio brutal nessa economia no caso da simbolização histérica: somente A recebeu todo o investimento destinado ao circuito A-B. Donde ser possível pensar que a distinção entre o normal e o patológico reside na distribuição da energia psíquica. No caso da normalidade há uma distribuição mais ou menos equânime. Na patologia se opera uma subtração do total do investimento de uma representação para destiná-lo com exclusividade à outra.

Como se justifica isso?

*Qual é a força que move isso?*<sup>9</sup>

É na perspectiva clínica que Freud encontrará as razões:

1. Na repressão sempre estão implicadas representações ativadoras do desprazer, quer dizer, nesse mecanismo psíquico sempre aparecem representações que fomentam o aumento da energia psíquica, sem que para isso ocorra uma percepção, mas tão somente uma recordação;
2. A proveniência dessas representações se radica na vida sexual.

Freud propõe que seja o afeto desprazeroso que leva a cabo a repressão,

*...pois já supomos uma defesa primária que consiste em retroagir a corrente de pensar assim que ela se choque com um neurônio [chave], cuja operação libera desprazer*<sup>10</sup>.

11. Ibid

12. Ibid p. 400

O que justifica essas ocorrências? 1. Certamente se trata de uma traição da meta de todo pensar, que é realizar desejo. Trata-se de uma ocupação não procurada, não pretendida, inesperada; 2. A notícia de que a vivência de dor terminou, não é suficiente para impedir que o psiquismo simplesmente substitua uma percepção hostil por outra.

Mas onde se encontra B? Como se trata de um complexo de ocupação reprimida, B está fora do eu, mas não significa que esteja realmente fora da memória, donde o esquecimento aparente. A medida da repressão se faz pela compulsão de A. O complexo B encontra-se

*... excluído do processo de pensar<sup>11</sup>.*

Com essa providência, o psiquismo evita pensar com ele, mas se pensa. Com que elemento ocorre, então, o processo de pensar? Com A. Trata-se de um processo primário ocorrendo no eu, a instância responsável pelo pensar.

Isso significa dizer que B não está acessível no circuito psíquico. Seu resgate ocorrerá com uma nova percepção. Mesmo assim, Freud não se satisfaz com a solução encontrada para justificar a repressão ao prazer na histeria. A teoria mais adequada será encontrada na segunda razão: somente as representações sexuais estão sujeitas à repressão.

Freud aponta como fundante da neurose a Prótton Pseudo Histeria. Ela implica num jogo de cenas que ludibria até mesmo a própria histérica. Ludibria em que sentido? No sentido de que se trata de uma alternativa do aparelho psíquico para defender-se do desprazer. A repressão em jogo traz de volta o desprazer.

Ora, no cotidiano costumamos usar, quase que trivialmente, uma estratégia similar posta em ação pelo eu, o mecanismo de atenção, relembra Freud. Assim como usamos também conexões associativas que visam atenuar a força do investimento dos estados de afeto. Há como que um espalhamento da energia.

Diversamente ocorre na histeria: há uma superintensificação da representação que foi isolada. O trabalho de pensar está inviabilizado, escapa à consciência as razões de determinados comportamentos, o processo primário se impõe como alternativa de defesa do eu, e o resultado é o sintoma.

Freud aprofunda esse ponto de vista econômico com um exemplo: a compulsão de Emma se radica no fato

*... de que não pode entrar sozinha em uma loja<sup>12</sup>.*

Por que? O enredo histórico se configura do seguinte modo: certa vez indo às compras, Emma entra numa loja e os balconistas riem do seu vestido. Um deles a agrada sexualmente. Ela foge com a sensação de terror. A conexão dos três elementos em jogo na narrativa da paciente, não permitem justificar a compulsão:

ESTAR SOZINHA - LOJA - VESTIDO

A cena ocorre quando Emma tem treze anos, no momento das transformações orgânicas geradas pela puberdade. Mas seria absurdo tentar justificar a fuga de Emma da loja e a impossibilidade de ela tornar sozinha pelo fato de que os vendedores riem do seu vestido. Numa

13 . Ibid p. 401

14 . Ibid p. 403

operação normal, se é o vestido que constrange, basta que se vista com um certo decoro. Mas este não é o caso.

A investigação analítica permitiu uma descoberta de algo reprimido, inconsciente. Numa das sessões, Emma relata

*Uma cena quando criança: aos oito anos, foi duas vezes sozinha numa loja de um meceiro para comprar gulodices. A nobre figura a beliscou nos genitais através do vestido. Apesar da experiência, ela voltou uma segunda vez. Ela agora se recrimina por ter ido uma segunda vez, como se ela, com isso, tivesse querido provocar um atentado. De fato, é um estado de má consciência opressiva que tem sua razão na vivência de satisfação<sup>13</sup>.*

A cena 1 é, portanto, repetição da repetição de um atentado. Nela, Emma não se dá conta de uma força inconsciente que a impele ir em busca de sensações experimentadas numa determinada vivência infantil e que só agora, na adolescência, têm significação. Assim como não percebe forças coercitivas, proibitivas da realização daquela busca. Em outras palavras, é evidente no texto que Emma está ocupando o lugar de passividade na cena ocorrida aos oito anos. Já ao voltar à loja, podemos suspeitar dessa passividade. Essa suspeita aumenta quando analisamos a cena dos 13 anos.

O que Emma tem superinvestido na consciência? Os seguintes elementos:

BALCONISTAS - RISADAS - VESTIDOS - AGRADO SEXUAL

O que lhe escapa à consciência? Merceiro X Atentado. Qual o elemento comum às duas cenas? Vestido. E Freud acentua:

*...evidentemente a representação mais inocente<sup>14</sup>.*

Qual é a singularidade do caso? A formação do sintoma (estar só X loja X fuga) sem que o símbolo (vestido) desem-penhe qualquer papellógico.

O que é exclusivo da cena consciente? A liberação sexual. E aqui está toda a diferença: na primeira cena, cronologicamente falando, tal ocorrência não seria possível, dado que, para a Teoria da Sedução, na infância somos desprovidos de sexualidade. Mas na segunda cena, a ocorrência se verifica no curso do desenvolvimento psico-sexual do indivíduo, que reorganiza e ressignifica as vivências presentes na memória, agora como lembranças. Portanto, essas



A Grande Dança Macabra de Quick, de Martin Van Maele

15 . Ibid p. 404

16 . Ibid p. 406

17 . LAPLANCHE, J. etal. Vocabulário de psicanálise Verbetes: trauma p. 680

reordenações e ressignificações não são estabelecidas no psiquismo por continuidade, mas por descontinuidade. Haja vista que no eu se encontram relações superficiais que não justificam o aparecimento dos sintomas. O beliscão nos genitais, no momento de sua ocorrência, não desencadeia nenhum processo no psiquismo além de um simples registro de desprazer. Esse atentado vai adquirir um caráter traumático quando da puberdade, ou seja, com posterioridade. O fator temporal aqui é fundante da histeria. O indivíduo humano está exposto a experiências que não tem condições psíquicas de compreender. Os aspectos constitutivos de sua vida não se desenvolvem num mesmo ritmo. Nos termos do texto:

*A causa desse estado de coisas é o atraso da puberdade em relação ao restante do desenvolvimento do indivíduo<sup>15</sup>.*

Portanto, este ponto é fundamental na compreensão da teoria da sedução: as representações sexuais têm uma especificidade, a saber, elas agem psiquicamente na posterioridade das ocorrências factuais. Há uma imaturidade do indivíduo frente ao mundo, e as imposições deste têm ressonâncias danosas *a posteriori*.

Freud justifica essa impossibilidade de controlar as representações sexuais (o que caracterizaria um processo de defesa anormal) deste modo:

1. A lembrança da cena sexual (o atentado sexual subjetivamente não compreendido, mas do ponto de vista objetivo é expressamente de natureza sexual) é reforçada pela liberação sexual da puberdade; 2. O eu se volta para novas ocupações a partir da percepção, ficando desprotegido das ocupações endógenas. Desse modo, o eu não tem tempo de pensar, isto é, de escolher caminhos mais econômicos para estabelecer trilhas laterais.

*Aqui não há nenhuma percepção, mas uma recordação que libera desprazer inesperadamente, e o eu chega a saber sobre isso demasiadamente tarde; permitiu o processo primário, porque não o esperava<sup>16</sup>.*

Se, como dissemos, do ponto de vista subjetivo, o atentado não é sexual, do ponto de vista objetivo, as risadas dos vendedores explicitam este caráter. Portanto, a significação sexual só pode ser processada por Emma no jogo entre as duas cenas: na mais primitiva, não se tem as condições fisiológicas para caracterizar o beliscão como algo sexual; na seguinte, estas condições já foram dadas e a recordação recebe então o estatuto de sexual. Emma se defende de algo que vem de fora, mas o faz anacronicamente, isto é, no momento em que não há um atentado de fato, mas a recordação do mesmo.

O que há? Somente ocorrências acessórias (o riso dos vendedores) que revolvem, de alguma maneira, a lembrança do atentado. Porém, este revolvimento das lembranças dão o caráter sexual que subjetivamente não tinham. Neste sentido é esclarecedor o que afirmam Laplanche e Pontalis:

*Neste período em que a psicanálise se constitui, o traumatismo qualifica em primeiro lugar um acontecimento pessoal da história do indivíduo, datável e subjetivamente importante pelos afetos penosos que podem desencadear. não se pode falar de acontecimentos traumáticos de maneira absoluta, sem considerar a 'susceptibilidade' própria do indivíduo<sup>17</sup>.*

18 . Projeto p. 407

19 .MASSON, A Correspondência Completa de Freud à Fliess p. 208

20 . Ibid

21 . Ibid 209

Portanto, o adocimento histórico não ocorre de 'fora', do mundo exterior, dos adultos, mas da incompatibilidade temporal entre desenvolvimento psíquico e fisiológico do indivíduo. Freud oferece a possibilidade de que se infira do texto, que o aparelho psíquico opera equivalentemente seja na infância, seja na maturidade. Porém, fisiologicamente, há uma transformação significativa da infância para a maturidade. E o ponto nuclear dessa transformação é a puberdade, cujo atraso, como diz Freud concluindo esta segunda parte do Projeto,



*... possibilita processos primários póstumos<sup>18</sup>.*

O interessante de tudo isso é notar a importância que o texto oferece à idéia de temporalidade. Ela adquire um sentido muito específico que acima tentamos esboçar, e que acreditamos seja uma das pontes privilegiadas de acesso ao novo contexto no qual se encontra Freud em fins de 1896, vide a carta acima indicada, que agora passamos a analisar.

Nela, Freud reconstrói um modelo do aparelho psíquico (preferimos dizer reconstrói pois que, como entendemos, essa noção de temporalidade específica do Projeto, nesta carta também é determinante para organização do aparelho psíquico), no interior do qual se constitui a memória ordenada nos vários sistemas. São estas suas palavras ao anunciar a novidade de sua teoria:

*...o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, e sim ao longo de diversas vezes, e que é registrada em vários tipos de indicações<sup>19</sup>.*

Ora, a exclusão de um momento fundante da memória reitera, como pretendemos, a leitura aqui realizada do caso Emma: a ordem da memória, no momento da cena do atentado é tal que, submetida à passagem pela puberdade, será alterada, adquirindo uma nova ordem. Freud expressa isso como sendo

*... um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempo, a um rearranjo, de acordo com as novas circunstâncias, a uma transcrição<sup>20</sup>.*

Essa metáfora, que supomos seja extraída da arqueologia, figura então a memória como extratos, camadas que se acomodam segundo as transcrições, traduções que são efetivadas nas passagens por determinados momentos da vida, como o da infância à puberdade, por exemplo.

*Gostaria de enfatizar o fato de que os registros sucessivos representam conquistas psíquicas de fases sucessivas da*



*vida. Na fronteira entre duas dessas fases é preciso que ocorra uma tradução do material psíquico<sup>21</sup>.*

O que permanece no pensamento de Freud nesta virada na concepção do trauma? A noção de lugares psíquicos. A linguagem neurológica do Projeto... vai cedendo lugar a metáforas de outra natureza. É bem verdade que se trata de uma carta e não de um texto rigorosamente 'científico'. Mas, mesmo assim, essa expansão de vocabulário já anuncia o delineamento de um campo muito específico que Freud está estabelecendo como pertinente ao saber que está em vias de construção. No esforço de delimitação desse campo, alternam-se os termos centrais tomados de empréstimo à medicina, com outro vocabulário: estratificação, fronteiras, traduções, marcas mnêmicas, espaços psíquicos, que marcam bem essa idéia de *Topos*, lugar. Essa nova rede semântica, acrescida àquela extraída do saber médico e que já se usa de um modo bem peculiar, passa a ocupar o primeiro plano nas formulações metapsicológicas.

Assim como permanece também a idéia de temporalidade acentuada pelas expressões: de tempos em tempo, rearranjo, retranscrição. Isso fica notório na maneira como Freud oferece sua nova justificativa para a repressão:

*Explico a peculiaridade das psiconeuroses através da suposição de que essa tradução não se tenha dado no tocante a uma parte do material, o que acarreta certas conseqüências. E isso porque nos atermos firmemente à crença numa tendência ao ajuste quantitativo. A transcrição anterior inibe sua predecessora e esgota seu processo excitativo. Quando falta uma transcrição posterior, a excitação é tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e seguindo as vias abertas naquela época<sup>22</sup>.*

Em que tipo de evento é que o psiquismo opera especificamente desta maneira? Nos eventos sexuais, onde uma tradução liberaria desprazer, que impossibilita o pensamento realizar o seu trabalho. Eis, portanto, a condição determinante dos processos primários no interior do eu, no caso da defesa psico-patológica.

Como era a concepção do Projeto... no tocante a esse elemento? A absoluta incompreensibilidade da criança frente ao atentado do adulto. O atentado sexual ocorrido num momento pré-sexual. Donde a significação só acontecer *a posteriori*, dado que sua compreensibilidade só pode ser realizada na puberdade.

O que de novo traz esse modelo psíquico da carta em pauta? A incompreensibilidade ocorre pela falha na tradução entre as fases psíquicas. É interessante colocar em relevo o recuo que Freud está operando na infância, com relação à ocorrência de eventos sexuais: agora se fica histórico se o evento ocorre quando a criança tem um ano e meio, e não mais somente aos oito anos. São esses recuos sucessivos que possibilitarão a Freud, logo mais, conceber a sexualidade como inerente e inata aos seres humanos. Em outros termos, Freud irá enunciar o conceito de sexualidade infantil como paradigma da sexualidade humana.

O que isso significa? Acreditamos que Freud esteja apontando para diversos níveis de compreensão característicos de cada fase que, ao disporem dos traços mnêmicos para uma nova tradução, alguns destes ficam de fora. Por que? Se trata de uma defesa frente ao desprazer que o eu, por uma impossibilidade de verificar sua origem, não tem outra

alternativa que não aquela de operar uma defesa primária.

O que vemos ocorrer no pensamento freudiano é uma gradual passagem de uma investigação exclusivamente voltada para a cena real, para se pensar a contribuição do sujeito no seu próprio adoecimento. Não se abandona de todo a cena real<sup>23</sup>, é certo, mas ela vai agora dividir o papel de determinante da histeria com algo que é subjetivo, que ainda não está desenvolvido, mas que começará a despontar na teoria freudiana como algo determinante na justificativa dos fenômenos patológicos, a saber, a fantasia. Mas esse é outro tema complexo que exige um outro debate.



Pequena Flora Vestida, de Maillol.

\* Euclimar Menezes - Professor da PUC-SP e doutorando em Filosofia na UNICAMP.